

BOLETIM
DO
MUSEU PARAENSE

DE
HISTORIA NATURAL E ETHNOGRAPHIA

PARTE ADMINISTRATIVA

I

DISCURSO PROFERIDO PELO DIRECTOR DO MUSEU, POR OCCASÃO DA INSTALAÇÃO DA SOCIEDADE ZELADORA DO MUSEU PARAENSE EM 6 DE NOVEMBRO DE 1896.

Senhores,

O artigo 13 do Regulamento em vigor dá a entender que o plano de conferencias sobre assumptos de sciencias naturaes constituia, desde o primeiro momento, objecto e parte da criação do Museu Paraense. Declarei, no meu primeiro relatorio ao Governo, que o anno de 1894 decorreu sem a possibilidade de inicial-as: faltou tanto o tempo, como também o espaço. O estado chaotico do antigo Museu, acondicionado em edificio de dimensões absolutamente insufficientes, na rua de São João, obstava a um commettimento d'estes. No meu segundo relatorio, concernente ao anno de 1895, novamente tive de registrar que o compromisso contido no artigo 13 ainda não tinha sido realisado. Se bem que a mudança do Museu da antiga residencia para a actual fosse effectuada durante o primeiro semestre d'aquelle anno, e que o obstaculo da falta de espaço fosse d'est'arte, senão affastado de todo, pelo menos mais brando, recrudescu o segundo obstaculo—o da falta de tempo—de modo devéras inaudito. Todavia servirão de titulos justificativos o actual estado das collecções, a não pequena serie de melhoramen-

tos introduzidos, tanto de ordeni material, como de ordem scientifica e intellectual, a fundação de dous annexos novos, que hoje tem attingido um grão de desenvolvimento merecedor do justo jubilo de todos aquelles que consideram o progresso de sua terra como uma aspiração util e necessaria, um respeitavel volume de publicações, a sympathia popular reconquistada, e finalmente ousou ennumerar entre estes titulos a circumstancia de que o estabelecimento, apezar das mais profundas modificações, nunca esteve fechado á frequencia publica senão durante poucas semanas.

Já não está longe o dia em que terei de redigir o terceiro relatorio. Embora a ingente campanha e o insano labor causados pela necessidade da transformação e adaptação persistam, repugnava-me, por outro lado, a perspectiva de ter que confessar pela terceira vez a não realisação do alludido compromisso relativo ás conferencias. Resolvi affastar as difficuldades, custasse o que custasse. Dirigi aos meus dignos collegas e collaboradores do pessoal scientifico a pergunta: «Estamos promptos?» e a resposta foi satisfactoria. Aliás bem conhecia eu que a disposição psychica n'elles era identica á minha: nós todos estavamos ligados e encorporados ao professorado academico e universitario europeu e temos de commum uma certa saudade do magisterio, que mesmo a satisfação das pacientes investigações no silencio dos laboratorios e os laços espirituaes com o mundo scientifico, que nascem da palavra escripta, não chegam a fazer calar de todo. Esta saudade engendra uma solidariedade e sobre esta é que eu baseio o meu plano, a minha esperança e a minha confiança no successo. A boa direcção de cada uma das secções do Museu exige muito trabalho e é por si só assumpto que occupa plenamente a actividade de um naturalista. Não me enganei, porém, com a convicção de que os meus collegas me auxiliariam, que duplicariam o serviço e que prestariam o sacrificio espontaneo desde já.

Quanto ao espaço bastou eu ponderar ao Governo a necessidade de um auxilio especial, para encontrar novamente aquelle efficaz apoio, ao qual o Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia tudo deve. A nova sala que temos hoje é mais um beneficio directo de S. Exc. o Sr. Governador, nova encarnação significativa da profunda comprehensão do Chefe do Estado do valor e da importancia do estabelecimento como alavanca da instrucção publica e, por conseguinte, do progresso e da gloria do Pará. Uma sala conveniente para as conferencias previstas era de facto uma

condição primordial para poder-se inicial-as e esta sala— uma curta reflexão o ensinará—naturalmente não podia ter situação melhor, mais idonea, senão no proprio Museu, ao pé das collecções, da bibliotheca e dos laboratorios, porque a dependencia do material demonstrativo é inherente ao lado didactico das sciencias naturaes. Cobriu-se e cercou-se de vidro o terraço da frente, que antes não tinha applicação alguma e conquistou-se assim um augmento da area do edificio: deu uma bella sala de conferencia, ganhou sensivelmente a hygiene, como o lado esthetico da casa, e o publico obteve ao mesmo tempo para os dias de exposição um lugar de abrigo contra sol e chuva, e um lugar de descanso—cousa que tinha faltado antes,—livrando-nos assim da despendiosa construcção de um kiosque especial para este fim.

Remediados d'est'arte finalmente os dous principaes obstaculos contra a prompta realisacão do compromisso estipulado pelo artigo 13 do Regulamento, o primeiro graças á expontaneidade do pessoal do Museu para uma obra pertencente ao sacerdocio scientifico, o segundo graças a bõa vontade, ao energico apoio e decidida intervenção do Governo, que felizmente soube não sómente *crear*, como tambem MANTER e dotar com os recursos, dos quaes dependem a vitalidade e o desenvolvimento da creação, remediados, digo, os impedimentos de tempo e espaço, apresentou-se então a questão, sobre a melhor maneira de realisar as conferencias, sobre a *misc-en-train*.

Mas eu reflecti sobre este assumpto, cuja solução tão facil poderia parecer á primeira vista e mais me convenci de que d'esta *misc-en-train* iria depender o successo, e que este lado formal não era cousa secundaria. Abrir simplesmente conferencias populares, sem auditorio fixo e sem quaesquer medidas disciplinares, não daria o resultado desejado. Alguma experiencia da vida e um estudo do meio social e das condições locaes, me levaram á opinião, que o verdadeiro seria a formação de uma sociedade e imitar o exemplo, que tão esplendidos resultados deu, do «Museu Britannico», em Londres, que no gremio dos seus «trustees» ou «zeladores» possui um poderoso baluarte e um factor de acção extraordinariamente efficaz, tanto pelo lado das suas relações officaes, como pelo da propaganda do estabelecimento entre o povo, no interior e no exterior.

Expuz as minhas idéas e as minhas esperanças a uma pessoa, que eu conhecia como tomando o maximo interesse no progresso patrio e que, apesar de ter preenchido os mais

altos cargos na terra amazonica, já em tempos idos do regimen passado, como ainda recentemente na era nova, conservou uma energia e actividade juvenil. S. Exc. o Sr. Barão de Marajó ouviu-me attentiosamente, examinou o meu projecto, approvou-o incondicionalmente e logo pôz os seus valiosissimos prestimos á disposição da empreza. Grande foi a minha satisfação, porque o auxilio de S. Exc. significa nada menos do que uma garantia de perfeito exito e successo.

S. Exc. tão profundamente se compenetro da utilidade e da viabilidade do commettimento, que voluntariamente tomou a iniciativa e é com intimo prazer e reconhecimento, que posso communicar que o Sr. Barão de Marajó encarregou-se de desenvolver perante esta selecta reunião os contornos e o programma da «Sociedade Zeladora do Museu Paraense».

II

DISCURSO PROFERIDO PELO EXM.º SR. BARÃO DE MARAJÓ

Meus Senhores

Convidado pelo Sr. Doutor Emilio Goeldi, director do Museu do Estado, para com elle procurar os meios que mais seguros parecessem para consolidar a obra tão nova e tão promettedora do mesmo Museu, achamos que a organização de uma associação, composta de individuos que pela sua dedicação ao bem do Estado e pelo seu amor ao estudo fossem o elo entre o Museu e a população, ao mesmo tempo que pela sua posição social e respeitabilidade e influencia dos seus membros fosse esta associação segura egyde contra qualquer difficuldade que o Museu possa encontrar no seu desenvolvimento, era o melhor meio a empregar, e procuramos dar-lhe a organização que consta dos estatutos que vos apresentamos, e lhe demos o nome de «Sociedade Zeladora do Museu Paraense».

Estatutos da Sociedade Zeladora do Museu Paraense

CAPITULO I

ARTIGO 1.º—O programma da «Sociedade Zeladora do Museu Paraense» concentra-se na resolução voluntaria de